

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS**

DERICK DOS SANTOS TINÔCO

**FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES DE
EDUCAÇÃO FÍSICA EM VITÓRIA/ ES PARA
ATUAÇÃO NO CAMPO DO LAZER**

VITÓRIA
2012

DERICK DOS SANTOS TINÔCO

**FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES DE
EDUCAÇÃO FÍSICA EM VITÓRIA/ ES PARA ATUAÇÃO NO
CAMPO DO LAZER**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade Federal do
Espírito Santo, como requisito parcial para
obtenção do grau de Bacharelado em
Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Nazareno
Ferreira Borges.

VITÓRIA
2012

DERICK DOS SANTOS TINÔCO

**FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES DE
EDUCAÇÃO FÍSICA EM VITÓRIA/ ES PARA ATUAÇÃO NO
CAMPO DO LAZER**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Espírito Santo,
como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharelado em Educação Física.

Aprovada em 01 de novembro de 2012.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Nazareno Ferreira Borges.
Universidade Federal do Espírito Santo.
Orientador.

Prof^a. Dra. Liana Abrão Romera
Universidade Federal do Espírito Santo.

Prof^a. M^a. Keni Tatiana Vazzoler Areias
Universidade Federal do Espírito Santo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS por ter permitido que completasse mais essa etapa da minha vida;

À meus pais por todo amor, investimento e dedicação;

À minha irmã por todo apoio;

À minha família em Belo Horizonte, que sempre me apoio mesmo não presente em todos os momentos;

Aos meus colegas de sala que se tornaram grandes amigos, em especial: Vitor, Kristian, Felipe, Rosa, Elaine, Augusto e Rodrigo;

À todos do laboratório de pesquisa CESPCEO pelo oportunidade de aprendizado;

À meu orientador Naza e ao professor André, pela orientação, atenção, disponibilidade e acima de tudo, por acreditar em mim;

À minha banca Liana e Keni pela colaboração;

Aos demais mestres e aos servidores do CEFD, pela contribuição à minha formação;

Ao CEFD/UFES pela oportunidade;

E aos meus amigos e a todos que me ajudaram a chegar até aqui.

Dedico este trabalho aos meus pais, pessoas que mais amo nesta vida! E a todas as pessoas que direta e indiretamente tornaram possível a concretização desse trabalho, dentre as quais: minha irmã, toda minha família, meus amigos e meus professores.

RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa que consistiu em investigar e discutir as estratégias de formação continuada dos professores de Educação Física que trabalham em projetos de lazer na cidade de Vitória, Espírito Santo. O estudo busca analisar o conceito de formação continuada dos professores que atuam no campo das políticas públicas de esporte e lazer e as formas de investimento na continuidade de sua formação. No que diz respeito à metodologia, utilizou-se como instrumentos de coleta de dados entrevistas semiestruturadas – realizadas com os professores que atuam nos projetos de lazer existentes na cidade de Vitória decorrentes da parceria entre Prefeitura Municipal de Vitória e Secretaria de Esporte e Lazer – e interpretadas pela análise de conteúdo de Bardin (2009). O único projeto de lazer em vigor no período de pesquisa foi o Programa Esporte e Lazer na Cidade (PELC). Os resultados encontrados apontam para a necessidade ainda latente de haver um maior investimento por parte dos gestores dos projetos que trabalham com lazer na formação continuada de seus professores, assim como, os cursos de formação devem investir no esclarecimento do itinerário de formação continuada para a própria iniciativa dos sujeitos, fundamentada em uma idéia de compromisso com a construção do conhecimento e reflexão da própria prática.

Palavras chaves: 1- Formação Continuada; 2- Lazer; 3- Políticas Públicas.

ABSTRACT

This current work is the result of a research that consisted of investigating and discuss strategies for continuing education of Physical Education teachers who work in leisure projects in the city of Vitória, Espírito Santo. The study aims to analyze the concept of continuous training of teachers who act in the field of public policies for sports and leisure and the ways in which they invest in the continuity of their education. Regarding to the methodology, we used as data tools structured interviews - accomplished with teachers who work in leisure projects in the city of Vitória under the partnership between the Vitória's Hall and the Department of Sport and Leisure - and interpreted by the analysis of Bardin's content (2009). The only project of leisure in place in that period was the "Programa Esporte e Lazer na Cidade" (PELC). The results which were found lead to the need still latent of a major investment by the projects that work with leisure in the continuing education of its teachers, as well as the training courses should invest in clarifying the route of continuing education for their own subjects initiative based in an idea of commitment to a construction of knowledge and reflection of their own practice.

Keywords: 1 - Continuing Education; 2 – Leisure; 3 - Public Policies.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO 1 - POLÍTICA, POLÍTICAS PÚBLICAS, ESPORTE E LAZER.....	11
CAPÍTULO 2 – FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA ATUAÇÃO NO CAMPO DO LAZER.....	19
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA.....	25
CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DOS DADOS	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	47
APÊNDICE	50

INTRODUÇÃO

Este estudo busca investigar e discutir as estratégias de formação continuada adotadas por professores de educação física que trabalham em projetos de lazer na cidade de Vitória, Espírito Santo. O caminho que será percorrido para melhor compreensão do processo de formação continuada, especificamente na área do lazer, se inicia com a discussão Política, Políticas Públicas, Esporte e Lazer.

As práticas sociais repercutem decisivamente no processo de formação dos profissionais de Educação Física. Segundo Isayama (2003) nenhuma prática educativa é desinteressada e os currículos expressam as relações de poder engendradas em nossa sociedade. Por esta razão é importante entender quais concepções de Estado existentes, em qual dessas concepções a realidade brasileira mais se encaixa, como esse Estado atua diante da sociedade e quais os conceitos de lazer e de esporte empregados pela parcela da população investigada. Nesse sentido, a formação pode apenas contribuir para manutenção e reprodução da estrutura social vigente ou possibilitar meios de questionar essa ordem para transformá-la.

Após discussão inicial sobre os fatores externos que podem influir no currículo e na formação dos profissionais de educação física será feito um diálogo com a literatura da área, debatendo os conceitos de formação continuada difundidas na educação física e quais os meios defendidos por esses autores para esse processo.

A análise dos saberes teórico-metodológicos que norteiam a formação inicial e continuada dos professores de Educação Física possibilita identificar o perfil profissional preconizado pelos cursos para a intervenção no campo do lazer. Percebe-se atualmente, uma crescente produção literária preocupada com a questão do lazer em nossa sociedade. A maioria dessas produções critica a abordagem funcionalista dada pelos projetos e pelos profissionais que atuam neste campo. Para compreender a atuação dos profissionais no campo do lazer, é importante avaliar que tipo de formação esses profissionais possuem para se inserirem neste campo e como continuam a investir na formação, após já se encontrarem no mercado de trabalho.

Segundo Antônio Junior (2007) a formação continuada dos profissionais da educação tem assumido uma posição de destaque nas discussões relativas a essa área de conhecimento. Assim, é importante avaliar que métodos e estratégias são utilizados pelos professores de educação física de Vitória/ES que atuam no campo do lazer para sua formação continuada. Como esses profissionais acreditam que possam qualificar sua prática, direcionar a concepção de programas educacionais e refletir sua formação inicial.

Para que o professor seja capaz de contribuir no desenvolvimento do cidadão é preciso que ele possua uma visão ampla de mundo e vasto conhecimento. Dessa forma nos questionamos qual a influência da formação inicial e continuada na atuação prática desses profissionais. Entretanto para discutirmos o termo formação, primeiramente precisamos entendê-lo. Ao pensarmos em formação logo nos vem a mente algo que ainda não está concluído. Daí então surge o sentido de formação continuada. A formação é um processo em desenvolvimento, que não finda, e deve acompanhar toda a carreira de um profissional. (JUNIOR, 2007)

O processo de inserção de disciplinas relacionadas ao lazer nos currículos dos cursos de Educação Física no Brasil é um fato histórico recente, iniciado no fim da década de 1980 (ISAYAMA, 2003). Esse processo vem se configurando de maneira distinta nos diversos cursos de formação inicial espalhados pelo país. A variação oscila entre uma formação que privilegia a abordagem do lazer apenas na perspectiva do divertimento e do descanso, contribuindo para manutenção e para reprodução das estruturas sociais vigentes, e as perspectivas críticas, que vêem o potencial educativo do lazer, tratando-o como uma importante dimensão de existência do ser humano, capaz de promover o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos.

Movidos pelos desígnios da Indústria Cultural, que transformam o lazer em mercadoria de consumo, muitos profissionais de Educação Física que atuam nesse campo restringem a sua atuação a mercantilização de serviços relacionados às atividades físicas, esportivas e recreativas, contribuindo para manutenção e reprodução dos processos de exclusão a esse direito social de parcela significativa da população brasileira. Embora o fenômeno do lazer tenha se desenvolvido nos interstícios da Indústria Cultural (VAZ, 2004), acreditamos que seja possível a

intervenção profissional nesse campo em uma perspectiva que não se renda a lógica do mercado e que contribua para o processo de desenvolvimento pessoal e social do cidadão.

Influenciados pelos escritos do professor americano Donald Schon uma nova forma de se pensar a formação continuada começa a ser difundida. Criticando o distanciamento que muitas vezes ocorria entre os cursos superiores e a prática no mercado de trabalho, Schon busca aliar teoria e prática, aproximando-as um pouco mais uma a outra. As primeiras críticas feitas pelo americano geraram diversas discussões sobre formação continuada por países ao longo de todo o mundo. (PIMENTA, 2002)

Apoiados nas mudanças que vem ocorrendo na maneira de se entender a formação continuada achamos pertinente confrontar as idéias difundidas pela literatura com a prática, focando o modo como esse processo tem sido realizado pelos professores em ação.

Assim, após breve revisão da literatura que discute o tema formação continuada tentaremos encontrar indícios do modo como na prática os professores de educação física de Vitória, Espírito Santo, investem em sua formação depois de formados e já atuando no mercado de trabalho.

CAP I - POLÍTICA, POLÍTICAS PÚBLICAS, ESPORTE E LAZER

A maneira como cada indivíduo enxerga e entende o mundo reflete nas relações estabelecidas com o meio. Portanto o modo como lazer é entendido e vivenciado, e até mesmo a importância dada a esse fenômeno em diferentes culturas e na vida de cada um se dá de maneira diferente. A forma de organização de um Estado, por exemplo, irá refletir nas ações e programas adotados por este e conseqüentemente, nas possibilidades de vivência do lazer, proporcionando à população, variadas formas de uso fruto desse lazer ou as limitando. Portanto a atuação direta do Estado influencia na questão do lazer enquanto alvo de políticas públicas.

Para começarmos então a compreender qual o lugar ocupado pelo lazer nas políticas públicas de nosso país devemos buscar entender primeiro que implicações a concepção de Estado vigente no Brasil pode trazer para atuação do professor de Educação Física, quais as suas funções, como a população participa de sua constituição e ainda quais são os limites das políticas públicas.

Segundo a Teoria Marxista (MANDEL, 1977) o Estado nem sempre existiu:

O Estado é um órgão especial que surge em certo momento da evolução histórica da humanidade e que está condenado a desaparecer no decurso da mesma evolução. Nasceu da divisão da sociedade em classes e desaparecerá no momento em que desaparecer esta divisão. (MANDEL, 1977)

É possível perceber então, que para este autor, o nascimento do Estado na realidade se deu a partir da divisão social do trabalho. Antes disso todos os membros da sociedade eram capazes de exercer qualquer função social. Somente após o trabalho começar a ser dividido que começam a aparecer diferenças entre classes trabalhadoras e classe dominante. A partir da divisão social de classes que se inicia o processo de desenvolvimento do Estado, como forma de organização política das sociedades.

O objetivo das políticas públicas sociais é justamente então, o de criar meios que possibilitem que os bens e serviços sociais sejam distribuídos de maneira igualitária entre todos os cidadãos de uma sociedade. O papel do Estado é garantir que, apesar de estar dividido em diferentes classes, toda a população tenha acesso igual

à produção do país. As políticas públicas apesar de muitas vezes se justificarem por demandas realmente legítimas da sociedade podem servir também como simples atenuantes das mazelas sociais, sem resolvê-las de fato.

Como o Estado surge a partir da divisão social do trabalho e consequentemente da divisão de classes, as políticas sociais são determinadas por uma constante luta entre classes. Alguns autores baseados no marxismo entendem que a partir da entrada da maioria dos países no sistema capitalista o Estado passa a favorecer, em grande parte, aqueles que possuem capital para mantê-lo. (MANDEL, 1977)

Este modelo de Estado capitalista é defendido pelos liberalistas que afirmam existir uma relação íntima entre economia e política. Para os liberalistas clássicos, somente determinadas combinações de organizações econômicas e políticas são possíveis, em particular, uma sociedade socialista não pode também ser democrática, no sentido de garantir a liberdade individual. Assim para os liberais a única forma de garantir a liberdade seria por meio de um governo que interferisse o mínimo possível no mercado, dessa forma o capitalismo é uma condição necessária para a liberdade política (FRIEDMAN, 1985).

A tese de Estado mínimo se aplica a implementação direta de políticas públicas. O Brasil, apesar de tardiamente, se comparado com grandes países capitalistas, entra no neoliberalismo, principalmente a partir do governo de Collor, no governo de Fernando Henrique Cardoso. (MELO, 2005)

Para entendermos um pouco melhor como se dá a implementação de políticas públicas e a escolha das ações que serão realizadas por um governo é preciso debater um pouco sobre cidadania. Como a entendemos e como foi seu processo de formação no Brasil. A própria formação do Estado como conhecemos contribuiu para nosso entendimento de cidadania.

Segundo Marshal (1988) o conceito de cidadania pode ser dividido em três partes: civil, política e social. Essa divisão ocorreu muito mais pelos acontecimentos históricos do que pela lógica. Na Inglaterra, onde o Estado burguês se organizou inicialmente, a constituição da cidadania dividida nessas três partes se deu de modo diferente ao desenvolvimento da cidadania no Brasil. Mas antes de falarmos como

se deu o processo de constituição da cidadania no Brasil é preciso deixar claro o que entendemos por direito civil, político e social.

Os direitos civis estão relacionados a liberdade individual, direito de ir e vir, liberdade de imprensa, pensamento e fé, o direito a propriedade e o direito a justiça. Assim as instituições mais próximas aos direitos civis são os tribunais de justiça. O elemento político se refere basicamente ao direito de poder participar no exercício do poder político, ou seja, participar das decisões coletivas, ter a possibilidade de votar e ser votado. Assim, as instituições mais próximas são o parlamento e os governos locais. O elemento social se refere a um mínimo direito de bem-estar econômico e segurança até ao direito de participar da herança social. Instituições mais ligadas são o sistema educacional e os serviços sociais. (MARSHALL, 1988)

Esses três direitos estavam antes, juntos em um só, principalmente pelo fato das instituições estarem amalgamadas, uma mesma instituição tratava de assuntos sociais, civis e políticos. Com o passar do tempo a tendência é uma diferenciação dessas instituições.

A evolução dos direitos envolveu um processo de fusão geográfica e separação funcional. Os direitos sociais de participação da comunidade local foram gradativamente dissolvidos pela mudança econômica. Essa divisão dos direitos gerou duas conseqüências principais, primeiro possibilitou que cada direito seguisse seu caminho e velocidade distintos um do outro, e por último fez com que as instituições nacionais não pudessem mais servir a grupos sociais locais, como ocorria anteriormente, e atendessem a nação de forma geral. (MARSHALL, 1988)

Como dito anteriormente o processo de formação da cidadania no Brasil se deu com algumas diferenças importantes ao mesmo processo na Inglaterra e Europa de maneira geral. Segundo Carvalho (2008) essas diferenças fizeram com que houvesse peculiaridades na constituição da democracia brasileira e na formação do chamado “cidadão pleno”. O cidadão pleno referido por Carvalho é aquele que detém os três direitos formadores da cidadania. Diferente da história inglesa, os primeiros direitos a se desenvolver no Brasil foram os sociais.

Concordando com Carvalho (2000), a cidadania não se resume à soma dos direitos e o cidadão está longe de ser aquele que detém tais direitos de uma forma

burocrática e formal. Cidadania envolve a sensação de pertencimento a uma comunidade, compartilhando valores, histórias, experiências comuns.

Agora vamos refletir, se o Estado delega o poder a uma pequena minoria, sempre favorece os grupos dominantes, qual seria o papel das políticas públicas de esporte e lazer? Como essas concepções de Estado influem na maneira do lazer ser tratado pela sociedade? Essas são questões importantes de serem discutidas tendo em vista que no modo de organização do governo atual o esporte e o lazer são direitos garantidos por constituição a todos os cidadãos.

A compreensão que a população tem de lazer é extremamente afetada pela ideologia liberal. Segundo Marcellino (2001), existem duas correntes antagônicas de compreensão do lazer. Uma enxerga o lazer apenas como mercadoria, deixando de lado o fato de se constituir como um direito social, a outra, entende que a vivência do lazer pode gerar valores questionadores da ordem vigente.

Os fatores que influenciam essas tendências são de um lado o crescimento das possibilidades de consumo e do outro a organização da sociedade civil e do poder público. Os defensores da situação, pregam a não interferência do Estado. Isso faz com que o lazer seja determinado pelas leis de mercado. Se a maioria da população é composta por pessoas que não possuem um alto poder aquisitivo para usufruir do lazer pago, a falta de políticas públicas acaba por privar grande parcela da população a esse direito.

Agora é preciso entender qual das duas visões de lazer mencionadas acima predomina no Estado brasileiro. Apoiado em alguns dos principais autores¹ que estudam o fenômeno do lazer, dentro da educação física brasileira, entende-se que, embora se constitua como um direito social, o lazer é tratado com descaso no Brasil. Ancorada na ideologia do trabalho, circula no imaginário social brasileiro a representação de que o lazer é uma necessidade menos importante, uma dimensão supérflua da existência humana. Nesse sentido, há uma hierarquização dos direitos sociais, em que o lazer é colocado no fim da “lista” das prioridades do cidadão.

¹ Marcellino (2001), Vitor Melo (2003), Mascarenhas (2000), Isayama (2003).

Segundo Melo (2005), principalmente a partir do governo Collor, é possível perceber a entrada da política brasileira em um neoliberalismo clássico, se afirmando no governo de Fernando Henrique Cardoso, com um alto número de privatizações, criação do plano real e o início de várias outras reformas. Esse neoliberalismo denuncia a intervenção do Estado majoritariamente no mercado, porém sua tese de Estado Mínimo é falaciosa, já que ocorrem alterações na dinâmica financeira por meio de privatizações e liberalizações do mercado interno. O neoliberalismo, nos países periféricos capitalistas, desencadeou um grande aumento nos problemas sociais e a diminuição das ações do Estado influenciaram a implementação de políticas públicas.

Em meio ao quadro social de violência, tráfico de drogas e desigualdade, surgem várias organizações com a missão de “humanizar” o capitalismo. Começa a ocorrer um processo de descentralização das ações do Estado, que acaba gerando uma privatização de políticas públicas e a criação de várias entidades sem fins lucrativos para suprir as lacunas de programas do governo para população. Essas organizações passam a implementar políticas, públicas ou privadas. Vários projetos sociais surgem preocupados com essa temática e utilizam o esporte como meio de promoção de cidadania (GAWRYSZEWSKI, 2006).

Instaurada essa nova forma de organização de projetos sociais, governo – privado – ONG’s, a questão chave agora é entender como o profissional de educação física deve atuar nesses projetos de esporte e lazer. Percebe-se que ainda impera nos dias de hoje, na maioria dos programas de esporte e lazer, uma visão funcionalista do lazer, em que se busca por meio dele a “paz social” e a manutenção da ordem. O esporte também continua sendo tratado de forma assistencialista, tornando muitas vezes remota a possibilidade de ser realizado de fato como um direito social, tendo em vista que o próprio entendimento de direito social é distorcido, ora confundido apenas como resolução de carências, ora com acesso a bens de consumo.

Infelizmente o que se vê na maioria dos profissionais de lazer é uma preocupação apenas no divertimento na perspectiva do “desviar a atenção”, valores pregados pela própria indústria cultural. Assim se observa uma dupla alienação dos profissionais do campo do lazer, pois o trabalhador não vende apenas a sua força de trabalho, mas também a sua personalidade para atender aos desígnios da indústria

do entretenimento. Entretanto não se pode deixar que a crítica leve ao imobilismo e impossibilite a visão de melhora nos programas e no modo como o lazer é tratado na sociedade (MARCELLINO,2001).

Mascarenhas (2000) defende a idéia de pedagogia crítica do lazer. O lazer nessa perspectiva é pensado como Prática de Liberdade, trazendo para o nosso campo os pressupostos básicos de um trabalho popular que pode ser desenvolvido junto aos diferentes grupos sociais. Para esse autor as atividades de lazer devem ser utilizadas com uma intencionalidade educativa, importante para o desenvolvimento pessoal do indivíduo e para organização e desenvolvimento da própria comunidade. A prática do lazer se configura, então, como uma possibilidade de construção de sujeitos co-participantes do processo educativo e que se transformam na medida que modificam também suas próprias condições de vida. Para que isso ocorra primeiro é preciso ampliar a visão restrita dada ao lazer e buscar acrescentar programas de participação e criação cultural.

Mello e Alves (2003) propõem a formação do profissional de lazer na perspectiva do “animador cultural”, concebendo-o não apenas como um mero executor de tarefas, mas como um agente problematizador da realidade social que, junto ao seu público, oportuniza a vivência de diversas experiências culturais e, por meio delas, constrói o pensamento crítico, a troca de idéias e a criatividade, relacionando o lazer a outras dimensões da vida. A formação do animador cultural perpassa pelo domínio de diferentes linguagens culturais; pelo desenvolvimento da liderança, no sentido de conduzir o grupo a explorar o seu potencial criativo, por meio de uma intervenção não-diretiva; pelo desenvolvimento da competência dialógica, pois os projetos de lazer devem ser construídos *com* o público e não *para* o público; e pela capacidade de organização, que pressupõe o diagnóstico, o planejamento, a intervenção e avaliação das ações relacionadas ao lazer (MELLO; ALVES, 2003).

Entretanto é importante ressaltar que a maioria dos projetos decorrentes da parceria público e privado, tratam o lazer de forma reducionista, focalizando apenas a prática dos seus conteúdos culturais, contribuindo para manutenção e reprodução da estrutura social vigente, ou seja, para perpetuação do modo de produção capitalista.

Quando tratado apenas na dimensão do descanso e do divertimento, o lazer exerce um papel funcional a esse modo de produção social, seja no sentido moralista, de afastar a população de atividades nocivas ao sistema produtivo, seja no sentido compensatório, de aliviar o estresse e o desgaste advindo do trabalho, seja no sentido utilitarista, de condicionar, por meio de atividades físicas e esportivas, o corpo para produzir mais riquezas.

Além disso, o enfoque reducionista do lazer também contribui para os desígnios da Indústria Cultural, transformando-o em mercadoria, em bem de consumo para aqueles que têm condições de pagar por seus serviços e produtos.

O papel do Estado deveria ser o de oportunizar aos desfavorecidos condições de usufruir do lazer, de modo que os possibilite questionar a ideologia vigente e o modo de organização social atual. Cabe a população analisar se os projetos de esporte e lazer implantados pelo governo ou por instituições privadas atendem seus anseios. Para que isso ocorra é necessário que se criem meios de avaliação constante para esses programas e que, conseqüentemente, possibilitem seu aperfeiçoamento.

Beloni et. All (2007) afirma que a avaliação de projetos sociais é fundamental para a racionalização e se constitui em um elemento básico do planejamento, sendo impossível existir política eficaz se esta não sofre avaliação. Para esses autores os critérios básicos de avaliação de uma política pública são eficiência, eficácia e efetividade social. O conceito de eficiência está relacionado a realização de um projeto que atinja os objetivos propostos com o menor gasto possível, minimizando despesas e otimizando os resultados. A eficácia refere-se a qualidade dos resultados obtidos e a efetividade social seria avaliar que mudanças a política implantada promove na vida dos seus participantes e das comunidade que os cercam.

A atuação dos profissionais e a própria estruturação de programas de lazer e esporte ainda possuem um amplo espaço para discussão e aperfeiçoamento. O neoliberalismo busca explorar novos investimentos, e utiliza novas estratégias de inserção no mercado, que neste caso, podem ser o emergente mercado social se utilizando do Estado para fins particulares. (MELO, 2005).

Precisamos refletir se em uma sociedade em que a minoria na maior parte das vezes é favorecida, existirão programas realmente preocupados com o bem estar social de todas as camadas da população ou se as ações do governo são executadas simplesmente para aliviar as tensões entre as classes. O professor de educação física que trabalha com o esporte e lazer na perspectiva social tem um trabalho árduo de tentar contribuir para a quebra da ordem social vigente e possibilitar o crescimento individual e coletivo.

CAP. III - FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA ATUAÇÃO NO CAMPO DO LAZER

Este capítulo pretende discutir as principais concepções de formação continuada que vigoram no campo da educação física, mais especificamente no lazer. Para tanto trazemos um breve diálogo entre os autores que debatem esse tema com o propósito de compreender como é entendida a formação continuada no campo da educação física. Qual a importância dada pela literatura a esse processo? Como ele se dá mais frequentemente e quais são suas possíveis falhas? Ou seja, o que é mais criticado no processo de formação continuada de professores no Brasil, e consequentemente dos professores especificamente da educação física.

É preciso problematizar a educação física antes de querer encontrar soluções para seus problemas e dizer como ela deve ser. Esse tipo de reflexão deve basear-se em uma discussão de toda a carreira profissional do indivíduo. Embora seja senso comum que a formação inicial é de extrema importância para o prosseguimento da carreira profissional de um professor, a continuação de seus estudos também é muito importante para a qualificação profissional em qualquer campo de atuação (NETO; GILES, 2003).

Entretanto, antes de entrarmos especificamente no processo de formação continuada tentaremos trazer um breve panorama da formação inicial nos cursos de educação física do país, e do modo como se dá a inserção de disciplinas relacionadas ao lazer nesse processo.

Segundo Pimenta e Ghedin (2002) a formação de professores é um tema estudado no Brasil há muito tempo. As primeiras pesquisas são da década de 60 e apontam para o fato de que a grande maioria dos professores não possuem qualquer tipo de formação, e ainda, uma relativa desvalorização da profissionalização docente. O grande impulso para o debate da formação de professores foi dado apenas nos anos 80 com a criação de cursos de pós-graduação, que contribuíram na análise crítica da educação brasileira, principalmente a partir do referencial marxistas e gramsciniano, configurando um espaço de resistência à ditadura militar.

O importante desse resgate histórico é saber que todo esse percurso contribuiu para a valorização da escola e de seus profissionais nos processos de democratização da sociedade brasileira; para uma maior importância as contribuições da escola na

formação da cidadania; e para sua apropriação como processo de maior igualdade social e inserção crítica no mundo. (PIMENTA; GHEDIN, 2002)

Entretanto na educação física, esse processo de debate sobre formação ocorreu de maneira particular e um pouco mais tardio. Somente na década de 80 as discussões a respeito do lazer nos currículo dos cursos de graduação em EF surgiram, e só a partir daí que o lazer se tornou um campo de inserção, para atuação dos educadores físicos. (ISAYAMA, 2003).

O fato do campo acadêmico da educação física no Brasil ser algo relativamente novo, fez com que as teorias de formação fossem baseadas em outros áreas do saber, sendo necessário entender suas particularidades. Muitos professores da América do Sul buscaram complementar sua formação com cursos de pós-graduação fora do continente, geralmente Europa e EUA. Alguns deles conseguiram utilizar seus aprendizados nestes locais os adequando para a realidade latino-americana, entretanto deve-se prestar atenção para simples reprodução de métodos europeus e norte americano. (NETO; GILLES, 2003)

A grande crítica ao processo de formação da educação física no Brasil é a de que o aluno não sai do curso sendo capaz de aplicar na prática o que aprende em teoria. Esse distanciamento faz com que o professor se forme e não esteja de fato preparado para lidar com situação de seu cotidiano de trabalho. Segundo Neto e Giles (2003) a articulação entre prática e formação ganha sentido em três eixos: planejamento, execução e avaliação.

O que caracteriza a capacidade docente de um profissional é a capacidade de manejar concepções de ensino, e de planejar, executar e avaliar processos pedagógicos, estabelecendo conexões nos diferentes contextos em que se concretiza a relação ensino aprendizagem. (NETO; GILLES, 2003)

Foi com a intenção de levantar soluções para o problema de distanciamento entre prática e teoria, que o professor Donald Schon, no final da década de 90, começa a propor a formação do professor reflexivo. Essa nova formação sairia dos moldes de currículo normativo, que separa a teoria da prática. Shon propunha uma formação que foi chamada epistemologia prática, valorizando o conhecimento oriundo da

reflexão na ação. Entretanto a simples reflexão na ação não basta para novas situações e problemas que possam ocorrer. Por isso, é necessária, também, uma problematização, um diálogo com outras perspectivas. A esse exercício é dado o nome de reflexão sobre a reflexão na ação. Valorizando dessa forma o professor pesquisador de sua própria prática. (PIMENTA; GHEDIN, 2002)

As idéias de Shon contribuíram para início das discussões sobre formação em diversos países do mundo. A partir de suas idéias os debates sobre formação contínua, e a importância da associação da pesquisa com a prática no processo de formação inicial e continuada ganharam força. (PIMENTA; GHEDIN, 2002)

A relação de formação profissional com a identidade da área de conhecimento muitas vezes é confusa. Em alguns momentos ela é influenciada por demandas sociais imediatas e em outros momentos, subserviente a colonização de determinadas disciplinas e com frequência influenciada por instituições sociais poderosas.

Neto e Molina (2003) citando Triviños (1999, p.80) afirmam que a formação profissional, por sofrer influência de grandes organizações capitalistas, como, Banco Mundial e Organização Mundial do Comércio, apenas tem contribuído para perpetuação da ordem social vigente. Conservando seu sentido classista, elitista, desvitalizado e neutro. Nestes casos a formação não passa de uma mera qualificação da força de trabalho produtiva do professor, com o simples propósito de aumentar seu valor como mercadoria.

Outro obstáculo para que os professores possam firmar sua identidade da área de conhecimento é aceitar de que a educação física é permeada por diversas ciências. A identidade epistemológica da educação física é tema de muitos debates de importantes autores da área, como, Bracht (1999) e Lovisolo (1998). O objeto de estudo da educação física não é definido da mesma forma que nas ciências clássicas, os saberes necessários para a formação de um professor de educação física provêm de vários outros campos.

Entende-se ser necessário para os programas de pós-graduação de a educação física unir esforços com o objetivo de efetivar uma discussão epistemológica sobre a o conhecimento produzido nas faculdades brasileiras e adequação dos projetos de

pesquisa ao desenvolvimento humano das comunidades em que estão inseridas. (MOLINA NETO; GILLES, 2003)

Segundo Mello e Alves (2003) nos cursos de formação em Educação Física predomina uma abordagem simplista do lazer, em que ele é visto majoritariamente como sinônimo de recreação, reduzindo a compreensão deste fenômeno social à abordagem de apenas um dos seus conteúdos.

Contudo, como nos adverte Isayama (2003), nenhuma prática educativa é desinteressada e os currículos expressam as relações de poder engendradas em nossa sociedade. Nesse sentido, os currículos que tratam o lazer de forma reducionista, focalizando apenas a prática dos seus conteúdos culturais, contribuem para manutenção e reprodução da estrutura social vigente, ou seja, para perpetuação do modo de produção capitalista.

No contexto social atual, o lazer não pode ser concebido fora dos esquemas de dominação da Indústria Cultural, em que a lógica da exploração e da mercantilização do tempo livre transformou-o em um dever, em uma obrigação do indivíduo contemporâneo. A busca da felicidade por meio do lazer virou sinônimo de consumo e de desempenho, gerando o que Horkheimer e Adorno (1985) denominaram de “estado falso de vida”.

Nesse contexto, a formação e a intervenção do profissional de Educação Física no campo do lazer têm se caracterizado pela reprodução dos valores e dos interesses da Indústria Cultural. A sua atuação se restringe a execução de tarefas, associadas às atividades físicas, esportivas e recreativas, que valorizam o culto ao corpo e o consumo de produtos e serviços associados a um estilo de vida “descolado”.

O sorriso [falso] estampado no rosto e a solicitude nos gestos constituem o perfil do profissional que atende às demandas da Indústria Cultural, como se a alegria fosse uma peça do vestuário, que é colocada para ir ao trabalho e retirada quando se chega em casa (ISAYAMA, 2003; 2004). Nessa perspectiva profissional o trabalhador não vende só a sua força de trabalho, vende também a sua personalidade, vivendo um processo de “dupla alienação”.

Marcellino (1995) denomina essa perspectiva reducionista no processo de formação profissional para intervenção no campo do lazer de *especificidade abstrata*, pois o lazer é abordado nos cursos de formação isoladamente das outras dimensões sociais, e adverte que o potencial educativo do lazer, capaz de promover o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos, só será atingido se o lazer for tratado em sua *especificidade concreta*, ou seja, contextualizado com as outras esferas de existência do ser humano.

A concepção do lazer enquanto campo de intervenção pedagógica no âmbito da cultura que, mesmo preservando características intrínsecas de diversão e auto-realização, contribui para o desenvolvimento individual e coletivo da população, implica em uma formação profissional que não se renda a lógica do mercado e contemple esse fenômeno cultural de maneira interdisciplinar.

Isayama (2003) defende, no processo de formação dos profissionais de Educação Física para intervenção no campo do lazer, a contextualização dos seguintes saberes: Lazer, recreação e Educação Física; Lazer e Educação; Jogos, brincadeiras e brinquedos; Lazer e sociedade; Lazer e cultura; Políticas de lazer; Lazer e mercado de trabalho; Lazer e meio ambiente; Lazer e grupos sociais; Lazer e espaço e; Gestão do lazer.

Tendo esse pequeno panorama do lazer nos cursos de graduação brasileiros é preciso compreender agora como se dá o processo de formação continuada nessa área. Para isso devemos entender quais os conceitos de formação continuada trazidos pela literatura.

Segundo Janete Carvalho e Regina Simões (2002) existem três grupos de conceituação de formação continuada. O primeiro grupo conceitua formação continuada enquanto aquisição de informações/competências. Defendem o uso da tecnologia educacional para os cursos, treinamento, seminários, etc. O segundo entende a formação continuada como prática reflexiva e o terceiro grupo como prática para além da reflexiva.

O processo de formação após a conclusão de um curso superior não deve se basear apenas na simples participação de seminários, cursos ou treinamentos. É preciso uma análise permanente de termos como reciclagem, treinamento, aperfeiçoamento,

capacitação, etc. Janete Carvalho e Regina Simões (2002) citando Pereira (1993) afirma que os cursos esporádicos ou sessões de estudo ocasionais refletem uma visão limitada. Para ele o processo de formação contínua compreenderia duas fases. A primeira, educação durante o curso de formação; e a segunda, educação em serviço, que é entendida como aquela que utiliza as atividades para o desenvolvimento pessoal e coletivo do profissional da educação.

CAP III - METODOLOGIA

Dependendo do tipo de pesquisa e o que se pretende estudar, ocorrem algumas diferenças na técnica de investigação científica, devido à diversidade de perspectivas e enfoques que podem ser adotados no trato com os objetos pesquisados. Por esta razão existem variados caminhos metodológicos que podem ser escolhidos para desenvolvimento de uma pesquisa. (SEVERINO, 2007)

Por se tratar, sobretudo, de uma pesquisa voltada para estudos de fenômenos sociais, metodologicamente podemos classificá-la, quanto à abordagem do problema, como uma pesquisa qualitativa. Portanto, ao contrário das pesquisas quantitativas, seus objetos de investigação não podem ser submetidos ao controles rígidos das estatísticas.

A classificação metodológica de uma pesquisa qualitativa, quanto aos seus objetivos, não é tarefa fácil como a priori se pode imaginar. Como bem denota Becker (1999), este tipo de pesquisa, ao contrário das quantitativas, possui uma natureza tal que diminui a probabilidade de serem claras sobre seus métodos, pois, refere-se a fenômenos complexos, os quais exigem do pesquisador o constante manuseio de diferentes métodos para dar conta destes.

No nosso caso, a coleta de dados será feita por meio de entrevistas semi-estruturadas² – realizadas com todos os professores que atuam em projetos de lazer provenientes da parceria entre Secretaria Municipal de Esporte (SEMESP) e Prefeitura Municipal da cidade de Vitória, Espírito Santo – e interpretados pela Análise de Conteúdo (Bardin, 2009).

De acordo com o coordenador do campo de lazer da SEMESP, atualmente só um programa de lazer se mantém em funcionamento na cidade de Vitória. O Programa de Esporte e Lazer na Cidade (PELC) funciona em três diferentes núcleos com atividades de terça à sexta, nos turnos matutino e vespertino.

De acordo com dados do Departamento de Formulação de Políticas e Estratégias Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social (acesso em 14

² Roteiro da entrevista conforme Apêndice A

out. 2012) o PELC é um programa que foi elaborado pelo Ministério de Esportes do Governo Federal com intuito de atingir dois objetivos principais: garantir o direito social ao esporte e lazer a toda população e democratizar o acesso as práticas esportivas e de lazer. Portanto, o programa visa suprir a falta de políticas públicas e sociais que atendam as necessidades da população por esporte e lazer (BRASIL, 2011).

As ações de esporte e lazer recreativo são implementadas através de núcleos que oferecem em atividades sistemáticas como: oficinas de esporte, danças, ginásticas, teatro, música, orientação à caminhada, capoeira e outras dimensões da cultura local e eventos de esporte recreativo e de lazer organizados coletivamente como: ruas de lazer, festivais, encontros temáticos, sessões de cinema e outros (BRASIL, 2011)

Por ser um programa federal, existem diretrizes, objetivos e princípios pré estabelecidos que são norteadores das ações de todos os núcleos espalhados pelo Brasil (BRASIL, 2011).

ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com os professores que atuam nos projetos de lazer vinculados à prefeitura na cidade de Vitória. Primeiramente foi feito um levantamento do número de projetos de lazer em vigor na cidade vinculados à Prefeitura e a quantidade de professores que atuam nesses projetos de lazer. Para fazer esse mapeamento foi necessário entrar em contato com Secretaria de Esporte e Lazer do município, mais especificamente com o coordenador de Lazer, “Edson Camargo de Araújo”. Em conversa com o coordenador de Lazer da Secretaria de Esporte de Vitória descobriu-se que havia apenas um projeto de lazer ocorrendo neste período na cidade, o Programa de Esporte e Lazer na cidade (PELC).

No PELC ocorrem reuniões quinzenais entre estagiários, professores e coordenadores. Como este projeto funciona em vários núcleos espalhados pela cidade, para chegarmos a esses professores, alvo da pesquisa, a estratégia adotada foi de buscar em uma dessas reuniões o primeiro contato. Nesta reunião foi feito o levantamento do número de professores atuando e o núcleo de trabalho de cada um, para agendamento das entrevistas.

Em Vitória o PELC possui 4 núcleos nos bairros Maria Ortiz, Parque Moscoso, Mangue Seco e no clube Alvarez Cabral. Desses quatro núcleos chegamos ao número total de 7 professores atuando. Entretanto, dos sete professores três se recusaram a conceder entrevista por motivos diversos. Alguns por afirmarem não se sentir preparados para dar entrevista e outro indivíduo por ter acabado de entrar no projeto. Com os quatro professores que aceitaram participar da entrevista foram marcados dias de visita aos núcleos em que trabalham e lá foram realizadas as entrevistas³.

O perfil dos profissionais entrevistados é bem diversificado. Metade deles possui formação inicial em Educação Física em faculdades particulares, a outra metade formou-se na Universidade Federal do Espírito Santo. A faixa etária varia entre 29 e 40 anos, sendo metade desses profissionais do sexo masculino. Um dado interessante é que nenhum deles concluiu o curso de nível superior há mais de dez

³ As entrevistas foram realizadas no primeiro semestre de 2011.

anos, tendo a maioria de 4 a 5 anos de atuação na área da educação física. Entretanto todos trabalham pelo menos há 2 anos no PELC.

A partir das temáticas discutidas em todo o texto, para facilitar a análise do discurso dos entrevistados decidimos dividir esta parte do texto em quatro categorias de análise: Concepção de lazer dos professores que atuam no PELC de Vitória/ ES; Planejamento das atividades de lazer; Formação continuada oferecida pelo Ministério do Esporte/ Secretaria de Esporte e Lazer de Vitória; e, Formação continuada, por iniciativa dos professores, para atuar no campo do lazer. Consideramos essas categorias de análise eixos centrais para a discussão sobre formação continuada para atuação no campo do lazer, e a partir destes surgem questões que merecem ser debatidas neste processo.

1- Concepção de lazer dos professores que atuam no PELC de Vitória/ES

Nossa primeira categoria de análise busca trazer a tona quais os conceitos de lazer dos profissionais que atuam no PELC-Vitória, para que a partir daí, possamos começar a compreender um pouco a lógica com que esses professores planejam e realizam as atividades no referido projeto. Nesta análise buscaremos sempre um diálogo com autores renomados da área que conceituam o lazer.

De imediato trazemos a contribuição de Marcelino (1995) que considera o surgimento do termo lazer como sendo relativamente recente, e talvez por isso, possua diferentes significados. Comumente é conhecido como momento de divertimento ou descanso, reduzindo seu conceito a apenas um de seus conteúdos e deixando de lado a utilização do lazer como forma de desenvolvimento pessoal e social. Para este autor, como já dito em capítulos anteriores, existem duas correntes antagônicas de compreensão do lazer. Uma entende o lazer apenas como mercadoria, a outra, entende que a vivência do lazer pode gerar valores questionadores da ordem estabelecida. Os fatores que influenciam essas tendências são: de um lado o crescimento das possibilidades de consumo e do outro a organização da sociedade civil e do poder público.

Em nossas entrevistas identificamos na fala de todos que o conceito do lazer está baseado na prática de atividades que dêem prazer ao indivíduo, entretanto apesar dessa opinião ser unânime entre os professores alvo da pesquisa, existem algumas diferenças de entendimento do que seja de fato o lazer.

A maioria dos professores (75%) afirma que o lazer deva ser composto por atividades que se diferencie das atividades praticadas rotineiramente no cotidiano da criança, como por exemplo, a escola. A fala de um dos professores evidencia bem o caráter de não obrigatoriedade do lazer e a distinção que deve ser feita entre momento de lazer e momento de trabalho.

[...] lazer pra mim é tudo aquilo que você pode fazer no seu tempo livre [...] adoro o que eu faço, mas num posso dizer que o meu trabalho é lazer porque eu tenho que cumprir uma carga horária, eu preciso ganhar dinheiro em cima de determinado tempo, de acordo com um contrato, então por mais que eu goste do que eu faço eu nunca ia poder [...] dizer que o que eu faço é lazer. [...] (Entrevistado III)

A maioria dos núcleos em que os professores entrevistados trabalham atendem crianças e pré-adolescentes que ainda frequentam a escola. Percebe-se na fala de todos entrevistados uma tentativa de desvincular as atividades realizadas no projeto as atividades do cotidiano escolar, justamente por entender que o lazer deve ser praticado por livre e espontânea vontade e não de maneira obrigatória.

A tentativa de desvincular o lazer da lógica do trabalho aparece na obra de diversos pesquisadores do campo do lazer. Para Isayama (2003), Melo e Alves (2003), e Marcellino (2001), é possível perceber na atuação de profissionais que trabalham com o lazer uma preocupação muitas vezes apenas voltada para o divertimento na perspectiva do “desviar a atenção”, dessa forma acaba por repetir os valores que são pregados pela própria indústria do capital e exercer um papel funcional ao modo de produção social vigente, seja no sentido moralista, de afastar a população de atividades nocivas ao sistema produtivo, seja no sentido compensatório, de aliviar o estresse e o desgaste advindo do trabalho, seja no sentido utilitarista, de condicionar, por meio de atividades físicas e esportivas, o corpo para produzir mais riquezas.

Apesar da grande maioria dos entrevistados entender que o lazer ocorre no tempo livre do indivíduo, o “entrevistado IV” afirma que o lazer é toda e qualquer atividade que proporciona prazer à determinada pessoa: “Pois é... eu entendo por lazer tudo aquilo que traz prazer”. Sem se referir em nenhum momento se há diferença no local ou no tempo em que ele possa ser realizado.

A fala do Entrevistado IV, portanto, se difere da fala do Entrevistado III, que distingue claramente o tempo de trabalho do tempo do lazer, mesmo que este considere que seu trabalho seja prazeroso acredita que não pode afirmar que seja lazer por ser uma atividade obrigatória.

Embora, concordemos com a opinião dos entrevistados de que o lazer ocorre no tempo livre, é preciso deixar claro que lazer não é sinônimo de tempo livre. Consideramos como tempo livre todo o tempo de não trabalho, entendendo que neste tempo podem ocorrer diversas atividades que não são consideradas lazer, como, por exemplo, o tempo destinado as tarefas domésticas, religiosas, políticas, sociais e aos estudos. (MASCARENHAS, 2000)

Em meio as tarefas e obrigações que o ser humano desenvolve fora do tempo de trabalho também podemos inserir os tratamentos médicos e cuidados com a saúde. É preciso perceber que no caso específico do núcleo do PELC- Vitória, que trabalha com atividades adaptadas para deficientes, o tempo do projeto para essas pessoas pode ser caracterizado muito mais como uma forma de tratamento do que como um tempo de lazer. Alguns alunos podem estar apenas seguindo recomendações médicas de prática de exercícios para melhora da saúde. Ao atender essas pessoas que vão ao projeto seguindo determinações de um médico ou de um fisioterapeuta, entendemos que essa atividade pode perder o caráter de livre escolha característico dos momentos de lazer.

Para De Grazia apud Mascarenhas (2000), o lazer não pode ser compreendido a partir da noção de tempo livre, como oposição ao trabalho, pois dessa forma carrega um olhar improdutivo, tratado como mera compensação. Segundo ele, o lazer expressa um estado de isenção de necessidade de trabalho, uma experiência cuja finalidade se esgota em si mesma. Assim, se aproximaria muito mais de uma experiência contemplativa do que associada a recreação e à diversão, que ocorre atualmente.

Entretanto, o lazer entendido desta forma só seria possível para poucos da sociedade. Talvez, atualmente, somente músicos, artistas e escritores seriam capazes de vivenciá-los. Este conflito sobre a forma de utilização do tempo livre,

tanto quantitativamente quanto qualitativamente, é uma das grandes tensões geradas na sociedade capitalista (MASCARENHAS, 2000).

Entendemos que no contexto social atual, o lazer não pode ser concebido fora dos esquemas de dominação da Indústria Cultural, em que a lógica da exploração e da mercantilização do tempo livre transformou-o em um dever, em uma obrigação do indivíduo contemporâneo. A busca da felicidade por meio do lazer virou sinônimo de consumo e de desempenho.

Ainda assim, acreditamos que seja possível a intervenção profissional nesse campo em uma perspectiva que não se renda à lógica do mercado e que contribua para o processo de desenvolvimento pessoal e social do cidadão.

Seguindo nas contradições de discursos entre os professores, o entrevistado II entende que o conceito de lazer está atrelado à ideia de liberdade. Entretanto a liberdade citada aqui é simplesmente a liberdade de movimentos, tendo em vista que o trabalho realizado neste núcleo do projeto se dá com indivíduos com deficiência. A única atividade desenvolvida neste núcleo é a natação, portanto o simples fato de seus alunos se locomoverem na água sem a utilização de equipamentos auxiliares é atrelada à ideia de liberdade.

Agora pensando aqui no projeto especificamente, a gente trabalha com conceito muito de liberdade, porque muitos deles são presos a um equipamento que é a cadeira de rodas, então no momento que eles conseguem se desvencilhar desse equipamento sem dúvida alguma o prazer aumenta muito, isso sem dúvida é um momento de lazer. (Entrevistado II)

Todos os alunos que freqüentam esses espaços oferecidos pela prefeitura estão ali, teoricamente, por livre e espontânea vontade, conferindo esse caráter não obrigatório e mais prazeroso das atividades. Contudo, embora se identifique na fala do Entrevistado II a intenção de conferir maior liberdade aos alunos que frequentam o projeto outro entrevistado afirma que a livre escolha está no fato de os participantes do projeto conhecerem as atividades que a prefeitura disponibiliza em cada núcleo e assim escolherem aquelas atividades que mais lhe dão prazer.

Então quem procura as atividades aqui é que está disposta a praticar as nossas propostas de atividade de lazer que a prefeitura propõe para a comunidade. (Entrevistado IV)

Neste segundo caso a lógica de liberdade, está no fato da criança conhecer as atividades propostas e a partir disso poder escolher em qual delas tem interesse de participar. Essa afirmativa dá a entender que as atividades são fechadas, e que não existe a possibilidade de serem construídas em conjunto entre alunos, estagiários e professores, não sendo permitido a todos neste processo opinar e até mesmo sugerir novas propostas de vivência de lazer neste espaço.

Para Bruhns apud Mascarenhas (2000) os benefícios do lazer são justamente os cultivos da mente livre. À medida que o lazer se transformou em um tempo, que seria o tempo do não trabalho, se afastou da vida de contemplação do belo, do cultivo da mente, e se tornou apenas um conjunto de atividades recreativas.

Devemos pensar o lazer como prática de liberdade, onde as atividades são utilizadas com uma intencionalidade educativa, importante para o desenvolvimento pessoal do indivíduo e da comunidade que o cerca. A sua prática, se configura então, como uma possibilidade de construção de sujeitos co-participantes do processo educativo e que se transformam na medida que modificam também suas próprias condições de vida. Para que isso ocorra é preciso ampliar a visão restrita dada ao lazer e buscar acrescentar programas de participação e criação cultural. A elaboração de um programa de lazer não se faz apenas na indicação de algumas atividades alegres e estimulantes. Há sempre presente uma concepção de mundo e um projeto histórico da sociedade. (MASCARENHAS, 2000).

Apenas um dos entrevistados afirma que o lazer além de ser algo prazeroso e de livre escolha, pode ser atrelado a atividades culturais e educativas, e que é essa justamente a proposta do PELC-Vitória de trabalhar com o lazer.

Além da possível melhora do desempenho físico ao se realizar atividades motoras como forma de lazer e do crescimento pessoal do indivíduo, um entrevistado atenta para a possibilidade de melhora no convívio social das pessoas que freqüentam suas aulas.

[...] pessoas que vem pra cá justamente pra buscar o lazer, pra ter um pouco mais de qualidade de vida. Nós temos exemplos aqui de pessoas que mudaram completamente sua vida a partir do momento que se vinculou a natação, [...] simplesmente por estar no grupo. [...] mudam completamente a sua perspectiva de vida. Tem gente que num saía de casa e hoje tem seu carro adaptado, é tem novos amigos, sai se diverte, muitos deles voltaram a namorar, alguns deles casaram, tem filho, enfim, tudo isso [...] (Entrevistado II)

Em meio ao quadro social em que o país se encontra, de violência, desigualdade, delinquência, uso de drogas, muitos projetos têm surgido utilizando o discurso da promoção da cidadania e da inclusão social por meio de políticas públicas de esporte e lazer, como mecanismos de inquietude juvenil. E esse discurso muitas vezes é propagado por professores da área da educação física. Entretanto, apesar de novos projetos reivindicarem a prática do esporte e do lazer afirmando que sua vivência é de extrema importância para o crescimento dos jovens, ainda é necessário que sejam entendidos de fato como direito universal, e não apenas como um mecanismo de controle social⁴ (MELO, 2005).

2- Planejamento das atividades de lazer

A competência para intervir no campo do lazer ainda é vista como um “dom natural”, como um traço inato da personalidade do sujeito. Associado a esse fator, pesa uma tradição histórica que vê o profissional em Educação Física apenas como um mero executor de tarefas e não como um sujeito que concebe, planeja e avalia as ações no campo do lazer. Tal fato gera a desvalorização profissional, pois muitos gestores vêem a intervenção no lazer como algo simples, que não necessita de uma formação específica, acarretando a baixa remuneração e a falta de prestígio simbólico dos profissionais que atuam nesse campo (MELO E ALVES JUNIOR, 2003).

Esta segunda categoria de análise busca investigar como os profissionais que estão atuando em projetos de lazer afirmam planejar suas atividades. Este planejamento

⁴ A idéia de controle social destacada por Marcelo Melo (2005) é a da simples tentativa de controle ou amenização das consequências dos desequilíbrios da sociedade através dos projetos sociais, e não a idéia de controle social como participação da sociedade civil na gestão desses projetos.

deve ser entendido de forma ampla, incluindo seus diferentes aspectos, como: saberes, objetivos, métodos, uso de materiais didáticos e bibliográficos, estratégias de avaliação, etc.

Cada entrevistado demonstrou formas específicas e ainda opiniões diferentes sobre o funcionamento do projeto. Os núcleos apresentam de certa maneira, abordagens diferentes ao desenvolver as atividades de lazer. Dessa forma os professores também planejam as atividades de maneira diferente. Alguns deles utilizam mais do esporte como atividade proposta de lazer, outros planejam suas aulas com mais jogos populares, brincadeiras, etc.

O fato dos professores e núcleos realizarem atividades que se diferem entre eles é um dado importante, pois teoricamente, apesar do PELC dar certa liberdade no planejamento e no desenvolvimento das ações, existem diretrizes, objetivos e princípios estabelecidos como já dito anteriormente que deveriam aproximar as ações dos diversos núcleos.

Foram entrevistados professores que afirmaram utilizar métodos e elementos de busca de material alternativos para aplicação em suas aulas, e profissionais que utilizam métodos considerados mais sistematizados, como cursos e palestras.

O Entrevistado I afirma:

[...] eu costumo utilizar livros que eu utilizo na minha escola também. É... a internet, tem o youtube que tem bastante atividades que a gente pode estar utilizando aqui no núcleo.

Além de utilizar métodos alternativos para o planejamento das aulas, como, por exemplo, a busca de materiais disponibilizados na web, existem dois fatores que podem ser destacados nesta fala. O primeiro é percebermos que este professor não atua somente na área do lazer, o que não é um fato incomum no campo da educação física, a atuação em diferentes campos. A segunda é a utilização de conhecimentos advindos de outras áreas, que não especificamente do lazer, para o planejamento das atividades. Neste caso, o Entrevistado I utiliza, na preparação das atividades de lazer, o conhecimento de livros que são aplicados no universo escolar.

Ao chamarmos atenção para o fato de serem aplicados saberes de diversos campos no planejamento das atividades do lazer não queremos afirmar que isto seja uma prática negativa. Entretanto, o planejamento de dois outros professores que utilizam materiais e conceitos de outras áreas parece fugir as características de lazer.

Olha o meu planejamento aqui principalmente dentro da natação é diagnosticada na identificação do meu aluno. Como eu trabalho com quem tem algum tipo de deficiência, eu tenho que estar observando no meu planejamento diário com eles a evolução do movimento deles, né. Então eu tenho que fazer progressão com eles dentro da água, no meio aquático, como é que ele vai se adaptar, de que forma que eles vão se adaptar. (Indivíduo III)

A forma como este professor relata seu planejamento se assemelha com a de treinamento esportivo ou com as sessões de um treinamento de reabilitação, em que existem metas a serem alcançadas e a cada aula busca-se a evolução no rendimento do aluno. Este fato talvez ocorra devido às características peculiares a esse núcleo do PELC-VITÓRIA, que desenvolve um trabalho apenas de natação com deficientes, ao nosso ver, distantes das concepções de intervenção no campo do lazer. O discurso de outro entrevistado que também trabalha neste mesmo núcleo de natação talvez esclareça um pouco o porquê desta lógica de treinamento ser empregada:

Então são vários alunos com propostas completamente diferentes. Nós temos alunos que vem buscar alto rendimento, como um atleta comum, [...] alunos que vem aqui simplesmente buscar reabilitação, a gente planeja a aula de acordo com as limitações funcionais de cada um. E tem aquelas pessoas que vem pra cá justamente pra buscar o lazer, pra ter um pouco mais de qualidade de vida. (Entrevistado II)

É evidente que o trabalho desenvolvido neste núcleo não é voltado apenas para o lazer, possuindo elementos do esporte de alto rendimento ou de treinamento de reabilitação.

Apesar de trabalharem no mesmo projeto aparecem falas diferenciadas, que evidenciam ainda mais a maneira particular de cada professor planejar suas atividades. Por exemplo, o Entrevistado III é o único que afirma que o planejamento

é feito entre estagiários e professores. Outro dado interessante é a entrevista concedida pelo Entrevistado IV:

Aqui a gente tem um tempo pra planejamento né, sempre após as atividades. Na verdade esse projeto ele já vem pré determinado pra gente, as atividades tem que acontecer, não é o professor que programa as atividades. É o ministério do esporte que determina quais atividades, qual o caminho que a gente deve seguir né.

O entrevistado IV é o único que afirma existir um tempo específico para que o professor possa planejar suas aulas, e ainda que essas atividades são pré-determinadas pelo Ministério do Esporte.

Outro entrevistado afirma exatamente o contrário: “... nós temos autonomia de criar nossos objetivos e o nosso desenvolvimento da nossa prática aqui na natação” (Entrevistado III).

A informação dada pelo entrevistado IV se torna ainda mais conflitante com a de outros professores na sequência de sua fala: “(...) nossas atividades esportivas aqui ficam em segundo plano a gente trabalha mais a parte cultural a parte de recreação de lazer mesmo”.

Nesta fala podemos destacar dois pontos importantes para o debate. O primeiro   a diferenciação feita por este entrevistado entre atividades de esporte e atividade de recreação ou lazer. Nota-se que o termo recreação aqui é utilizado quase como sin nimo a prática do lazer. De acordo com Mello e Alves Junior (2003) a recreação é apenas um dos conteúdos do lazer, e trata-los como sin nimos demonstra a abordagem simplista dada dentro da Educação Física a este tema e ainda reduz a compreensão do fenômeno social que é o lazer. Esta visão interfere no planejamento das atividades pontuais e conseqüentemente pode interferir também no planejamento geral da instituição.

O segundo ponto   que, anteriormente, dois professores em suas entrevistas deixam claro que trabalham praticamente apenas com natação em seus núcleos. Portanto, se as atividades são determinadas previamente com enfoque maior em outras formas de lazer que não o esporte, como o trabalho desses dois outros professores se resume basicamente a natação? Isso mostra que pode existir uma falta de

comunicação entre professores ou uma falta de direcionamento no planejamento⁵ das ações em geral do projeto em questão.

Formação continuada oferecida pelo Ministério do Esporte/ Secretaria de Esporte e Lazer de Vitória

Tendo em vista essa diferença de afirmações sobre como devem ser planejadas as intervenções no PELC-VITÓRIA, é importante sabermos qual a opinião dos professores sobre as iniciativas formativas da instituição e como elas podem contribuir para esse planejamento e execução das atividades propostas.

No ensino superior existem leis que obrigam as instituições a manter programas de formação para os professores e invista, portanto, na continuidade de seus estudos. Essa regulamentação se encontra no inciso III, do artigo 63, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nº 9.394/96. Os próprios planos de carreira dos professores que atuam em qualquer nível da educação devem incentivar a progressão da formação inicial e continuada (CRUZ JUNIOR, 2007).

Enquanto no meio acadêmico existem recomendações legais para a formação continuada em instituições formais de ensino, o mesmo não ocorre em outras instituições que buscam de alguma forma exercer qualquer tipo de intervenção educativa, como é o caso dos projetos sociais. Assim, não são claras ainda as responsabilidades das instituições e as formas como devem se cumprir a formação continuada dos professores que atuam nesses espaços educativos fora das escolas ou do ensino superior.

Talvez pelo fato da formação continuada ainda não estar sistematizada e legitimada fora das instituições de ensino às falas dos entrevistados sobre as iniciativas formativas oriundas do projeto em que trabalham se diferem bastante. De acordo com dois entrevistados, existem formações em nível nacional anualmente promovidas pelo programa federal, sob iniciativa do ministério do esporte no

⁵ Os dados encontrados em nossa análise não nos permitem evidenciar se os entrevistados abordam os diferentes aspectos do planejamento, como: saberes, objetivos, métodos, uso de materiais e estratégias de avaliação. Todos eles apenas elencam atividades que realizam para preparar suas aulas.

convênio com a entidade, onde ocorrem palestras com profissionais conceituados de todo o Brasil.

Apenas um dos entrevistados relata ocorrerem formações locais quinzenalmente, com reuniões entre os núcleos da região. Entretanto, essas reuniões quinzenais não necessariamente podem se configurar sempre como espaço de formação. Muitas vezes esses espaços são utilizados para tratar de questões administrativas de funcionamento do projeto em geral e de problemas específicos que podem surgir em cada núcleo em específico. Não existe a garantia de que esses espaços sejam promovidos ou entendidos de fato na perspectiva da formação.

O Entrevistado II apesar de relatar que ocorrem formações anuais desenvolvidas pelo próprio PELC afirma que essas formações não possuem vínculo direto com o trabalho que desenvolvem.

Todo ano são feitas formações específicas com profissionais conceituados de todo o Brasil, [...] Mas como o projeto PELC, ele é bem amplo, acaba não tendo uma vinculação direta com o trabalho que é realizado aqui de apoio a pessoa com deficiência. (Entrevistado II)

A fala de outro entrevistado corrobora com a afirmação do Entrevistado II e mostra que é feito certo tipo de adaptação as atividades deste núcleo por elas serem vinculadas ao PELC.

O projeto, por estar vinculado ao PELC, apesar d'eu trabalhar com uma situação de esporte que é a natação, o meu trabalho mais é voltado para iniciação da criança, com a adaptação depois iniciação da criança no meio aquático pra depois eu pensar em fazer algum trabalho de natação com essa criança. Então nessa intermediação da adaptação para iniciação e iniciação propriamente dita, aí que eu busco dentro da própria proposta do PELC que é o trabalho com o lazer. (Entrevistado III)

O lazer nesta situação não possui um fim em si próprio, mas é visto como um meio de iniciação ao esporte. É provável que o entrevistado afirme isto sem conceber o que é de fato o lazer, pensando apenas nas atividades lúdicas, ou na recreação como recursos metodológicos. Esse fato aponta talvez uma necessidade de maior discussão por parte dos professores do que é o lazer e de suas possibilidades por si só como fenômeno cultural.

Para metade dos entrevistados não existem formações regulares oferecidas pelo próprio projeto⁶. Um deles é enfático ao fazer esta afirmação:

Não tem nenhuma. Nenhuma formação. A gente teve uma formação há dois anos atrás, trocou professor, eu sou a professora mais antiga do PELC. Então trocou professor, professor novo chegou assumiu o cargo mas não teve formação. (Entrevistado IV)

Tendo em vista que existem professores que não reconhecem nenhum tipo de formação ou capacitação organizada pelo projeto, e que ainda, outros professores apesar de reconhecerem que existem atividades formativas não entendem que essas atividades possam contribuir diretamente para sua atuação, se torna ainda mais importante sabermos quais são as iniciativas próprias desses profissionais para qualificação de seu trabalho.

3- Formação continuada, por iniciativa dos professores, para atuar no campo do lazer.

Como já dito em capítulos anteriores a formação continuada não é a substituição ou mesmo a negação da formação inicial, mas um espaço de desenvolvimento do professor. Concordando com Borges e Cruz Junior (2007), não podemos pensar a ação docente de qualidade sem pensarmos que a formação inicial é importante para a preparação da carreira profissional, e ainda muito mais importante enquanto continuidade. Parte fundamental para que ocorra uma qualificação constante na prática docente desses profissionais é o interesse que eles mesmos possuem de buscar a formação continuada, o que pensam sobre esse processo e quais os meios utilizam para que isto ocorra.

No discurso de todos os entrevistados é dada importância à busca da formação continuada por iniciativa própria do profissional, para melhor qualificação de seu trabalho, embora essa busca por conhecimento se dê de maneira diferente entre eles.

⁶ Esse dado contraria o convênio da prefeitura com o PELC, pois o programa prevê um módulo de formação introdutório no início de cada convênio, um módulo de formação em serviço (continuada), e dois módulos de avaliação ao final de cada convênio.

Metade dos entrevistados afirmou que a qualificação de seu trabalho se dá muito mais pela iniciativa de cada um do que pelos cursos oferecidos pelos projetos e locais de trabalho por onde passaram.

Então eu procuro tá é... procuro... como é que se diz... pós graduação, estudos por fora pra poder estar... é... aprimorando aqui no meu trabalho. Porque se não for a profissional, eu buscar, a prefeitura não dá esse apoio pra gente. (Entrevistado IV)

Então eu posso dizer assim sem falsa modéstia de que o meu trabalho ele é muito mais fruto do conhecimento que eu busquei do que propriamente das formações que são oferecidas. (Entrevistado II)

Carvalho e Simões (2002) fizeram um levantamento de artigos que tratam do tema formação continuada em periódicos de 1990 a 1997⁷. Tendo como referência esses artigos as autoras identificam três grupos de conceituação de formação continuada. O primeiro grupo conceitua formação continuada enquanto aquisição de informações/competências. Defendem o uso da tecnologia educacional para os cursos, treinamento, seminários, etc. A formação continuada concebida nesses moldes, segundo Antônio Cruz Junior (2007) tem sido duramente criticada por pensadores da área, autores esses que entendem a conceituação de formação continuada como “prática reflexiva” ou para “além da prática reflexiva”.

O segundo grupo levantado pelas autoras Carvalho e Simões (2002) entende formação continuada justamente como prática reflexiva e o terceiro grupo como prática para além da reflexiva. Nos dois últimos grupos se repudia a proposta de formação continuada como simples participação em cursos, seminários, vivências, etc. A formação deve possuir reflexão sobre a prática e não apenas se limitar a aquisição de novos conhecimentos. Identificamos no discurso de nossos entrevistados que basicamente eles limitam sua formação continuada à busca de novos conhecimentos.

⁷ Os periódicos incluídos no estudo de Carvalho e Simões (2002) foram: Cadernos Cedes; Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos; Tecnologia Educacional; Cadernos de Pesquisa, da Fundação Carlos Chagas; Revista da Faculdade de Educação, da USP; Educação & Sociedade; Em Aberto; Educação & Realidade; Revista Brasileira de Educação e Teoria & Educação.

De imediato trazemos um primeiro relato de um dos entrevistados que utiliza como base a internet, revistas, livros e até conversas com outros profissionais da área, de maneira mais informal. Nesse aspecto, fato interessante de ser destacado é a utilização de materiais de outros campos de atuação para aplicação no lazer. Como afirma o Entrevistado I:

[...] eu também procuro a internet, procuro livros que eu trabalho na escola, é... acho que é mais isso mesmo. Livros que às vezes as pessoas trazem, pessoas do tempo integral⁸ trazem, a gente desenvolve atividades em cima deles, revistas [...]

Na fala de outros professores aparecem as pós-graduações, mini cursos e clínicas, como formação continuada. A utilização de diversos tipos de curso como investimento na formação evidencia a concepção de um dos grupos de formação continuada destacados por Carvalho e Simões (2002). O grupo que defende a continuidade da formação como simples aquisição de informações e competências. Entretanto, ainda dentro deste grupo de conceituação, pudemos notar uma diferença em como determinados professores entendem que a formação continuada contribui para o trabalho desenvolvido. Para alguns ela se torna necessária para apenas atender as demandas que surgem no mercado. Como por exemplo, na fala do Entrevistado III:

Olha pra você ter uma idéia o projeto aqui a gente atende as mais diversas deficiências. Então você tem que ter um conceito em cima do que você está trabalhando. Se eu trabalho com uma criança com mielomeningoceli eu tenho que me aprofundar meu conhecimento pra saber que tipo de doença é essa, como que ela se identifica pra que eu possa trabalhar com ela.

É possível observar que o fato deste professor buscar o conhecimento sobre diferentes deficiências, se dá aparentemente pela demanda de seu trabalho. Essa busca não parece ocorrer para aprimorar sua formação e em consequência incrementar a sua prática. Já na fala do Entrevistado II podemos notar uma preocupação em trazer novos elementos para inovar sua prática.

⁸ Tempo Integral é um projeto de governo voltado para alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental. Sua proposta pedagógica visa à permanência do aluno na escola, assistindo-o integralmente em suas necessidades básicas e educacionais, resgatando sua auto-estima e intensificando o processo ensino-aprendizagem.

[...] a gente tem sempre alguns contatos bacanas pra que você tente sempre estar inovando e buscando mais conhecimento pra estar atrelando ao seu dia-a-dia. [...] sempre busco clínicas das modalidades que eu tenho menos contato. Como nós implantamos hoje aqui a bocha, nós temos além da natação a bocha adaptada, nós temos o tênis de mesa adaptados, temos o voleibol sentado, temos ainda o atletismo de campo [...]

Corroboramos com o entendimento de Antônio Cruz Junior (2007), que a idéia de formação continuada, buscando refletir a prática pedagógica, se dê também, em outros níveis além de cursos, seminários e congressos sobre os mais diversos temas. Entendemos que a formação continuada deva abordar reflexões mais amplas, como afirma Mediano (apud CARVALHO; SIMÕES, 2002) quando observa a necessidade de

[...] ultrapassagem dos aspectos burocráticos da ação de professores, supervisores e orientadores, assim como de um trabalho conjunto que discuta a prática pedagógica e busque soluções para os problemas a partir da adoção de três princípios básicos: converter as próprias experiências em situações de aprendizagem; fazer uma reflexão crítica da própria prática; e orientar a análise e o estudo de problemas diagnosticados na escola⁹, considerada em sua inserção no contexto social mais amplo.

Neste pequeno trecho o autor também mostra um dos aspectos que aparece na fala de um dos nossos entrevistados sobre formação continuada: a utilização das próprias experiências como forma de aprendizagem.

Olha eu procuro trazer pra cá pro PELC as minhas experiências né. Como estagiária que eu já também já fui estagiaria da prefeitura antes de entrar. Trabalhei com lazer também e recreação na época. (Indivíduo IV)

Este é um elemento importante para destacarmos, pois entendermos a formação continuada como um processo que não finda, portanto, os saberes trazidos de outras experiências se tornam muito importantes para continuidade da qualificação da prática desses profissionais.

⁹ Neste caso o autor usa como objeto de estudo a formação para atuar na escola. Apesar do foco do nosso texto ser a formação para atuação em projetos de lazer, acreditamos que os princípios utilizados para o debate sobre formação não são tão discrepantes.

Em suma, todos entrevistados entendem ser importante para vida profissional investir na formação continuada e todos afirmaram que buscam meios para que isso ocorra. Entretanto o próprio conceito de formação continuada se mostra limitado e ainda as motivações, a aplicação e a forma como cada um procura investir nesse processo são diversas.

Essas foram as principais discussões tratadas em torno das categorias de análises escolhidas. Acreditamos que todas essas categorias são interligadas e levantam questões centrais para um debate inicial sobre formação de professores que atuam com o lazer. Entretanto, sabemos que este debate deva ser ainda mais amplo, e que existem outras questões que merecem ser abordadas de maneira mais detalhada.

Assim, a partir das análises feitas até o momento traremos nossas considerações finais no capítulo que se segue.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo de nosso estudo foi investigar e discutir as estratégias de formação continuada adotada pelos professores da área da educação física que trabalham em projetos de lazer em Vitória-ES. Buscamos primeiramente, à luz da opinião de autores da área, trazer uma breve discussão sobre Política, Políticas Públicas, Esporte e Lazer, devido à escolha para coleta de dados de um projeto oriundo da parceria entre Prefeitura Municipal de Vitória e a Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SEMESP) e Ministério do Esporte. Em seguida trouxemos a opinião de alguns autores que estudam a formação e a formação continuada, para por último então confrontar as idéias desses autores com os dados coletados por meio de entrevista semiestruturada com professores que atuam no PELC-Vitória.

A partir das discussões que circundaram as categorias determinadas para análise do discurso dos entrevistados: Concepção de lazer dos professores que atuam no PELC de Vitória/ ES; Planejamento das atividades de lazer; Formação continuada oferecida pelo Ministério do Esporte/ Secretaria de Esporte e Lazer de Vitória; e, Formação continuada, por iniciativa dos professores, para atuar no campo do lazer; e das contribuições dos referenciais teóricos utilizados para nortear nosso estudo, podemos considerar que os resultados encontrados apontam para a necessidade ainda latente de haver um maior investimento, principalmente por parte dos projetos que trabalham com lazer, na formação continuada de seus professores. Assim como, os cursos de formação devem investir no esclarecimento do itinerário de formação continuada para a própria iniciativa dos sujeitos, fundamentada em uma idéia de compromisso com a construção do conhecimento e reflexão da própria prática.

É possível perceber no discurso de nossos entrevistados, corroborando com a literatura da área, o entendimento do lazer enquanto campo de intervenção pedagógica que, mesmo preservando características intrínsecas de diversão e auto-realização, contribui para o desenvolvimento individual e coletivo. Ainda podemos notar na fala dos entrevistados a importância de continuar buscando o conhecimento após a formação inicial e durante o desenvolvendo das atividades docentes no campo de trabalho.

Entretanto, apesar dos professores possuírem um entendimento de lazer que reproduz a literatura da área da educação física, na prática, principalmente no caso do núcleo do projeto PELC-Vitória que atende deficientes físicos, o conceito de lazer é distorcido a medida que limita a oferta de atividades quase exclusivamente a natação e entende que para essas pessoas se configura como espaço de lazer. Ao nosso entender, este núcleo em específico trabalha muito mais na perspectiva do esporte como rendimento e reabilitação do que como lazer de fato.

Em relação à formação continuada, existe a necessidade de que os investimentos dos professores que atuam com o lazer vá além da participação em cursos, seminários e vivências e inclua também o conhecimento na ação, reflexão na ação e a reflexão sobre a reflexão na ação.

Reale ET AL (apud CARVALHO; SIMÕES, 2002) criticam os programas de formação continuada em que compete apenas ao profissional buscar a continuidade de sua formação, sem nenhum apoio da instituição em que trabalha. Isso faz com que o professor desenvolva seu próprio currículo. Concordamos com a preocupação deste autor de que a formação dessa forma pode obter um caráter funcional, em que o professor a procura muitas vezes interessado em recompensas funcionais e permaneça por si só responsável pela transposição didática do que foi aprendido.

Acreditamos que este não seja o caso do PELC, entretanto pela análise das entrevistas percebemos que ainda existe a necessidade de um maior investimento na formação continuada dos profissionais que trabalham com lazer.

Na análise que desenvolvemos, a forma, a frequência e até mesmo os motivos que levam esses profissionais que atuam com o lazer a dar continuidade a sua formação ainda não são bem determinados e podem evidenciar esse caráter funcional dado a busca do conhecimento. O investimento na formação continuada por parte dos professores pode ir da simples necessidade de solucionar problemas que surgem em sua prática, até o interesse real do professor em melhorar qualitativamente sua prática docente.

A intencionalidade das ações e as motivações que levam os professores a escolher seus caminhos para investir na formação são variáveis difíceis de analisarmos nesse

sistema em que a formação continuada parte quase que exclusivamente da iniciativa do próprio professor.

Talvez aliado a esses fatores especificados até aqui, a percepção de que a forma como cada professor investe em sua formação seja ainda muito diversificada, sem uma frequência muito clara e sem ser determinada as intenções desse processo, seja importante que as instituições ou empresas em que esses profissionais estão inseridos incentivem a formação continuada e tenham configurações organizacionais mais flexíveis para que isso ocorra.

Este é outro fator que ainda necessita de maior atenção. Nas instituições de ensino existem legislações que se preocupam em possibilitar ao professor a continuidade de sua formação. Contudo, instituições como projetos sociais, que visam trabalhar com a educação na perspectiva do lazer, por exemplo, não possuem estabelecidas claramente ainda formas que garantam que isso ocorra.

Isso nos mostra que apesar do tema “formação” não ser um assunto novo de debate no meio acadêmico, fora do âmbito escolar ainda carece de maior importância e debate. Os estudos sobre lazer dentro da área da educação física podem ser considerados relativamente novos, conseguinte, a formação para atuar no lazer, e ainda mais, a formação continuada para profissionais de lazer é um objeto de estudo recente da academia. Talvez esse fator também nos indique a necessidade de mais estudos e mais análises em projetos voltados para esta área e a necessidade de que os resultados destes estudos cheguem de fato a essas instituições que oferecem o lazer para a comunidade.

Sabemos que o estudo realizado possui limitações, como por exemplo, o fato alguns professores se recusarem a participar do estudo e até mesmo por não termos entrevistado coordenadores, alunos e estagiários do projeto, o que poderia nos fornecer uma coleta de dados mais rica para análise. Também sabemos que o debate sobre formação pode levantar várias outras questões para discussão, tanto do papel das instituições quanto do papel dos professores nesse processo. Entretanto, acreditamos que esta pesquisa possa contribuir para a discussão sobre a formação continuada dos profissionais que trabalham em programas da Prefeitura de Vitória que tem como objetivo disponibilizar o lazer à população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- Bardin, L. *Análise de conteúdo*. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2009.
- 2- BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. 4ª edição. São Paulo: Hucitec, 1999.
- 3- BELONI, I.; MAGALHÃES, H; SOUZA, L.C. Metodologia de Avaliação em Políticas Públicas. 4ª edição. São Paulo, Cortez, 2007.
- 4- BRACHT, V. **Educação Física e Ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. Ijuí: Ed. Unijuí, 1999.
- 5- BRASIL, Ministério do Esporte. **Orientações para implementação do programa esporte e lazer da cidade**. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/arquivos/snelis/PELC2012/diretrizesPELC2011.pdf>. Acesso em 10 out. 2012.
- 6- CARVALHO, Janete Magalhães; SIMÕES, Regina Helena Silva. O Processo de formação continuada de professores: uma construção estratégico-conceitual expressa nos periódicos. In: ANDRE, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Formação de professores no Brasil (1990-1998)**. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002. p. 171-184.
- 7- CRUZ JUNIOR, A. F. **Formação continuada de professores do ensino superior: acompanhando o projeto “vem com a gente”**. 2007. 88 p. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Centro de Educação Física e Desportos, UFES, Vitória, 2007.
- 8- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora da UnB, 2001.
- 9- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- 9- FRIEDMAN, Milton. **Capitalismo e liberdade**. São Paulo: Nova Cultural, 1985. 2ed. Col. Os Economistas. (Cap. I e II, p.17-41). [24]
- 10- GAWRYSZEWSKI, Bruno. **Políticas públicas de lazer para a juventude pobre**. Revista Movimento , Porto Alegre, v.12, n. 03, p. 265-278, setembro/dezembro de 2006.
- 11- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

- 12- ISAYAMA, H. F.; WERNECK, C. L. G. (Orgs). **Lazer, recreação e educação física**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- 13- LOVISOLO, H. **Pós-graduações e educação física**: paradoxos, tensões e diálogos. Revista brasileira de ciências do esporte, Florianópolis, v.20, n.1, p.11-21, set. 1998.
- 14- MANDEL, E. **Teoria Marxista de Estado**. Edições Antidoto, Lisboa, Maio de 1977.
- 15- MARCELLINO, Nelson Carvalho. *“Políticas de Lazer: Mercadores ou educadores? Os cínicos bobos da corte”*. In: _____. Lazer e esporte. 2 ed. São Paulo: Autores Associados, 2001. pág. 5-29.
- 16- MARCELLINO, N. C. (Org). **Formação e desenvolvimento de pessoal em lazer e esporte**. Campinas: Papirus, 2003.
- 17- MARCELLINO, N. C. **Lazer**: formação e atuação profissional. Campinas: Papirus, 1995.
- 18- MARSHAL, T. H. **Cidadania e classe social**. Brasília, Fundação Projeto Rondon, 1988.
- 19- MASCARENHAS, Fernando. *Lazer e Grupos Sociais: Concepção e Método*. 2000. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- 20- MELO, V. A.; ALVES, E. D. **Introdução ao lazer**. São Paulo: Manole, 2003.
- 21- MELO, Marcelo Paula de. **Esporte e juventude pobre**: políticas públicas de lazer na Vila Olímpica da Maré. Autores Assossidados, Campinas-SP, 2005.
- 22- MOLINA NETO, V.; GILES, M. G. Formação profissional em Educação Física. In: BRACHT, V.; CRISORIO, R. (Org.). A Educação Física no Brasil e na Argentina: identidades, desafios e perspectivas. Campinas: Autores Associados, 2003. p. 251-257.
- 23- PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Org.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez , 2002. p. 17-52.
- 24- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

25- VAZ, A. F. Lazer, indústria cultural e biopolítica. In: ISAYAMA, H.; LINHALES, M. A. (Orgs.). **Sobre lazer e política:** maneiras de ver, maneiras de fazer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

APÊNDICE

Roteiro entrevista Semi-estruturada:

Perfil Profissional –

Idade: _____ Sexo: _____

Tempo de formação: _____

Tempo de atuação na área do lazer: _____

Experiências na área do lazer: _____

- 1) Que conceitos de lazer você costuma usar para orientar sua prática nesse campo?
- 2) Que estratégias você utiliza para planejar suas atividades?
- 3) Qual a sua opinião sobre as iniciativas de sua instituição para o auxílio ao desenvolvimento de suas atividades? Fale-nos das atividades formativas.
- 4) O que você pessoalmente costuma fazer para dar maior qualidade ao seu trabalho. Fale-nos das suas iniciativas de formação (continuada).